



A Illustração Portuguesa

SEMANARIO

REVISTA LITTERARIA E ARTISTICA

COLLABORADORES—Alberto Pimentel; Bulhão Pato; C. Castello Branco; C. Dantas; C. Bellem; E. de Barros Lobo (*Beldemônio*); Eça de Almeida; E. Schwalbach; F. Caldeira; F. Palha; Gervasio Lobato; D. G. Torrezão; Gallis (A.); Joaquim Lima; J. C. Machado; J. de Menezes; L. A. Palmeirim; Marcellino Mesquita; Pinheiro Chagas; Sergio de Castro; Thomaz Ribeiro; Visconde de Monsaraz; Visconde de Benalcanfor, etc.

SUMMARIO

TEXTO:—*Chronica*, por Eugenio de Castro;—*Os viajantes francezes em Portugal*, por Pinheiro Chagas;—*Cantares*, versos por Germano Vendrelli;—*Os crimes elegantes*, romance. (continuação) por Gervasio Lobato;—*No Algarve*, (continuação), por Lorjô Tavares;—*A noite de finados*, lenda traducção de Alfredo Gallis;—*Luiz Guimarães*, por D. Guiomar Torrezão;—*O primeiro pezar*, conto por Eduardo Sequeira;—*As nossas gravuras*;—*Em familia (Passalempos)*;—*A rir*;—*Um conselho por semana*;—*A igenua*, por José Maria da Costa.

GRAVURAS:—*Jayme Larcher*;—*A princeza Eminch*;—*O convento de Solovetsk, visto do lado do mar*;—*Agradavel surpresa*;—*O chalet do sr. Mancellos Ferraz, na praia da Granja*.

CHRONICA

No momento em que eu principio a minha chronica, questiona-se para ahi o valor da *Eva*, drama original do sr. Lino d'Assumpção, ultimamente representado em D. Maria.

Direi, portanto, duas palavras a este respeito. Mas antes de começar, devo observar-lhes que não vou fazer uma critica.

Os meus dezeseite annos inexperientes não me dão authoridade nem podem inspirar a confiança precisa n'um trabalho de analyse litteraria, trabalho excessivamente melindroso, incompativel com a minha pouca idade e com a incerta orientação do meu espirito.



JAYME LARCHER

Posso contudo emittir as minhas opiniões. E sejam verdadeiras ou falsas, representam um modo de ver pessoal, talvez errado, mas constantemente sincero.

O drama a que me estou referindo tenta esboçar uma pequenina scena de adulterio—capitulo immortal do livro do amor.

O assumpto, como veem, não tem novidade. N'estas circumstancias, para sair do repisado caminho, traçado ha mais de vinte annos em dramas analogos, convinha apresental-o de qualquer maneira que se destacasse das velhas formulas, tratando sobretudo de vigorisar com traços firmes os diversos personagens.

Sendo velho o assumpto, era portanto necessario que fosse tratado de uma maneira nova e inesperada, e n'isto consistia a obra de talento.

O sr. Lino d'Assumpção não o fez.

O entrecho persistindo mais uma vez em seguir o velho caminho, serpenteia a ravez de uma dialogação facil e por vezes esmerada, que revela qualidades superiores.

Mas o dialogo não é o bastante.

O desenho dos personagens é incaracteristico e pouco firme, e d'ahi um dos maiores defeitos d'esta composição dramatica.

A par de uma ou outra situação bem calculada, as scenas correm sem novidade, notando-se por vezes uns pequeninos absurdos e contradicções, que prejudicam notavelmente o exito do drama.

E' isto o que eu penso.

A *Eva*, na minha opinião, é o trabalho mediocre de um homem de talento.

Talvez que, em trabalhos subsequentes, se robustecam mais as boas qualidades que se entreveem fugitivamente n'este drama, apreciavel sobretudo por ser original, cousa pouco vulgar na litteratura portugueza.

Como annunciei logo ao principio, estas linhas não teem velleidades de critica. Apresentei rapidamente as minhas impressões independentes e sinceras, que eu guardaria apenas para mim, se não me convencesse de que tinha obrigação de fallar d'este drama, que apesar de todos os seus defeitos, representa contudo um trabalho apreciavel de litteratura nacional.

* * *

Em S. Carlos cantou-se a *Carmen* de Bizet, essa indole artistica tão original e brilhante, infelizmente roubada pela morte ao nosso enthusiasmo ardente e sincero.

Poncas operas terão sido discutidas com tanto calor como a *Carmen*: as opiniões dividiram-se em varios grupos, cada um com o seu modo de pensar.

Esta divergencia de opiniões indica immediatamente que se trata de uma obra de valor. Se esse valor não existisse, a critica não se incommodaria com semelhante opera, mostrando com a sua indiferença que se tratava apenas de uma mediocridade.

Mas desde o ponto em que se aqueceram tanto as discussões, é claro que se estava em frente de um trabalho de merito.

Com effeito, a *Carmen*, a despeito de todas as apreciações malevolas e condicionaes, conseguiu triumphar, impondo-se pelo seu valor inquestionavel.

Esta opera logrou entre nós um successo extraordinario e justo, e o nome de Bizet foi incluído na relação dos compositores mais applaudidos em Portugal.

A maneira brilhante como Novelli e de Bassini interpretaram os seus papeis na epoca passada, fazia-nos temer pelo desempenho actual.

Contra a expectativa geral, os difficeis papeis de *Carmen*, a cigarreira leviana, e de *D. José*, o soldado destemido e amoroso, encontraram em Amelia Sthal e Valero

dois magnificos interpretes, que comprehenderam bem as mais pequeninas subtilezas d'esta musica original e graciosa, que desprezando os preceitos do convencionalismo classico, consegue traduzir nitidamente as mais delicadas emmoções.

* * *

Em *D. Maria* vae debutar, qualquer dia, um rapaz de merito incontestavel, que abandonou a Universidade de Coimbra para seguir a carreira theatral que elle adora com toda a sua paixão d'artista.

Ferreira da Silva revelou o seu talento notavel n'uns curiosos saraus, que ainda hoje se realisam no Theatro academico de Coimbra, e dos quaes eu hei-de conservar sempre as melhores recordações.

Nos ultimos tempos havia saraus a pretexto de tudo.

N'estas festas onde palpitava extraordinariamente a alegria mais sincera e entusiastica, havia um grupo de rapazes que desempenhava invariavelmente os seus papeis.

Fosse qual fosse o pretexto do sarau, o programma era este, com pequenissimas alterações: primeira parte, —uma comedia representada por Ferreira da Silva, Lagoaça e José de Mascarenhas, e duas ou tres poesias recitadas por Bernardo Lucas, Pinto da Rocha e por mim: segunda parte — outra comedia e nova dose de poesias.

Uma vez ou outra concorriam a estas festas os dois artistas portuguezes Alfredo Napoleão e Moreira de Sá, que vinham expressamente a Coimbra, d'onde voltavam agradavelmente surprehendidos por aquelle enthusiasmo ardente e juvenil.

Como disse, foi n'esses saraus que Ferreira da Silva revelou as qualidades superiores do seu talento artistico, que lhe hão-de dar certamente um futuro brilhante.

F. da Silva debuta no *Desquite*, deliciosa comedia traduzida por Jayme de Séguier.

E essa estreia, que é o verdadeiro começo da sua carreira artistica, será tambem o *de-profundis* d'aquelles saraus do Theatro academico, de que elle se ha-de lembrar sempre com a saudade profunda dos seus primeiros triumphos.

* * *

Desculpem-me o tom elegiaco e magoado com que vou terminar a minha chronica, mas quero-lhes contar uma pequenina scena commovedora e triste.

Ha um mez que cheguei a Lisboa. Vim habitar um pequenino quarto d'estudante, tão proximo do ceu que me posso considerar visinho dos astros.

Logo no primeiro dia, avistei na janella fronteira uma cabecita d'anjo, muito branca e muito loira, olhando melancolicamente para o azul, com os seus pequeninos olhos verde-mar.

Era uma creaturinha de quatorze annos, com uma pallidez de cera e umas olheiras profundas, que manchavam de violeta aquella brancura de morte.

Branca, excessivamente brana, com os cabellos em desalinho fazia-nos lembrar aquellas figuras um tanto mysticas dos velhos missaes de Renascença.

Todos os dias, ao cair da tarde, a pobre tysica apparecia por dentro dos vidros, muito abafada, e cheia de tristeza, olhando para o ceu com uma resignação de santa.

A's vezes olhava para mim com um sorriso amargo e doce, que me enchia de tristeza.

Pobre pequena!

Ha quinze dias que a não tornára a ver.

Tinha piorado, certamente.

Hoje sahi de casa despreoccupado e alegre. Quando

cheguei á rua, dei com os olhos n'um caixão branco, onde a pobre visinha dormia o seu ultimo somno socego e tranquillo.

Agora, que eu termino estas linhas, vejo ali defronte a janella onde a conheci, e vem-me dolorosamente á lembrança a sua figurinha de princeza, amortalhada para as bodas mysticas.

Ha um instante que eu escrevi estas palavras: — desculpem-me o tom elegiaco e magoado com que vou terminar a minha chronica.

Mas se eu me calasse não seria uma ingratição?

EUGENIO DE CASTRO.

OS VIAJANTES FRANCEZES EM PORTUGAL

O sr. Luiz Ulbach

II

Não podem os estrangeiros fallar de Portugal sem se referirem a Camões e aos terremotos. Luiz Ulbach não podia deixar de se occupar d'este assumpto.

«Lisboa, diz elle, tem tido dezoito tremores de terras e oito incêndios. Reconstruíram-se as casas desmoronadas, os palacios incendiados, sem nunca se ter tido a idéa de levar para outro sitio essa capital explosivel. Viver ali e ali morrer é para os habitantes d'esta cidade encantadora uma tradição que se perpetua.

Se acrescentar a estas ameaças volcanicas o sopro do Tejo, que nem sempre é, na baixa-mar, balsamico, e que ás vezes propina febres, ter-se-ha uma idéa da fascinação que se liga a este sitio soberbo. O amor e a morte alli vivem eulaços: E' verdade que se não vêem distinctamente, e é uma visão de descanço sem perigo, de poetica indolelencia que primeiro se assenhoreia do viajante.

Depois do marquez de Pombal, que fez reconstruir a cidade apoz o terrivel tremor da terra de 1755, construíram-se as casas por um systema engenhoso, que permite ao edificio, em caso de abalo, um movimento de vaivem sem catastrophe. Em vez de se soldarem, como em França, as armações das casas ás pedras, principia-se por se levantar um edificio de madeira, que se reveste de uma casca de cantaria e sobretudo de faiança. Se faz um tremor de terra, a gaiola de madeira move-se dentro da gaiola de pedra, com menos risco de ser despedaçada e arrastada por esse movimento rigido.

E' essa uma precaução, que ainda felizmente, não foi experimentada desde 1755. Esperemos que continuará a ser uma precaução inutil.

Confessarei comtudo que, sem desejar um desastre, mesmo com a condição de um novo poema como o de Voltaire, não desgostaria de ter de contar um ligeiro abalo. Não tive (não ousei dizer esse gosto) essa commoção, e, por uma extravagante infelicidade, precisamente alguns dias depois da minha partida, por occasião da minha primeira viagem em 1880, Lisboa foi agitada por um tremor de terra.

Será effeito do vagar do paiz? Esta *mise-en-scène* local fóra encommendada em proveito dos dois congressos que então se renhiam em Portugal, e só foi executada tarde?»

Não sabemos se é exacta a conta dos tremores de terra, e não temos paciencia de ir verificar; mas, a conta dos incendios não sabemos onde Luiz Ulbach a encontrou. Se mette na conta grandes incendios de edificios ou de ruas, tem havido com certeza muitos mais, mas se falla de incendios como o de 1755, então houve muito menos.

Ora agora, que os habitantes de Lisboa deixassem a cidade por causa dos tremores de terra percebe-se, mas por causa dos incendios, parece-nos menos comprehensivel.

Sabem os leitores o que é aquella famosa faiança, que, no dizer de Ulbach, de muitos outros escriptores estrangeiros, reveste os muros de Lisboa? São os azulejos. E' realmente um lindissimo ornamento, e pena é que estejam sendo tão raros, apesar do que diz em contrario Luiz Ulbach.

Já que elle falla em cidade explosivel, tratemos tambem das mulheres, consideradas essencialmente explosivels por muitos philosophos.

«Os trajos nada teem já de pittorescos, pelo menos em Lisboa. As mulheres desdenham a mantilha por odio á Hespanha, o operario, o aguadeiro, usa uma jaqueta e um horrivel barrete de lá, que parece um barrete de forçado das galés, e que não tem nem a excentricidade, nem a altiva elegancia do barrete napolitano!.

Com que então as mulheres desdenham a mantilha por odio á Hespanha? Tem graça. O sr. Luiz Ulbach esteve de certo em Madrid, folgaria que nos dissesse se encontrou por lá muitas hespanholas com mantilha. Será tambem por odio á Hespanha que as não usam?

«As vendedeiras de peixe—as *varinas*—mulheres da Galliza—deveriam figurar como cariatides n'um monumento elevado á gloria de Lisboa. São bonitas (quando se vêem a grande distancia), robustas e de um feitio soberbo. Andam ás vezes com uma grande canastra abaixo da barriga, como as nossas mulheres do mercado; mas a maior parte das vezes trazem n'um chapéu de feltro um grande cesto chato, onde vem o peixe. Um largo cinto de lã dá-lhe umas poucas de voltas nas ancas. Com o peito arqueado e muito desenvolvido, com os pés descalços debaixo de umas saias volumosas e curtas, andam muito depressa, com um balouçar que dá rhythmio ao seu andar e graciosidade á sua força.»

Quem disse a Luiz Ulbach que as *varinas* eram mulheres da Galliza?

Muitas vezes tambem os estrangeiros fartam-se de dizer tolices a nosso respeito por não terem quem os informe.

Tambem se espantaram de certo os nossos leitores lisboenses de vêem que Luiz Ulbach afirma que as *varinas* andam ás vezes com um cesto ou com uma canastra por baixo da barriga. Naturalmente Luiz Ulbach viu alguma vez as *varinas* a venderem ás portas com as canastras encostadas ao baixo ventre, como muitas vezes fazem, e d'ahi veiu o suppór que algumas usavam esse systema de transporte da mercadoria.

«São ellas os verdadeiros carregadores», continúa Luiz Ulbach, e já nada teem que reclamar no que diz respeito a direito ao trabalho. substituem os homens, e é curioso vel-as descarregar um barco de carvão, enquanto indolentemente sentados, seus paes, seus irmãos, seus maridos ou os seus amigos, as animam com os olhos sem se lembrarem de as ajudar e sem ellas lhes lançarem em rosto semelhante mandriice.»

Ah! temos nós uma generalisação que dá em resultado um absurdo. Em primeiro logar as mulheres no Porto mais do que em Lisboa é que fazem esses trabalhos violentos. Não substituem os homens ainda assim, competem com elles, trabalham ao lado d'elles. Mas os viajantes precisam por força de côr local, e para isso tudo lhes serve.

«Não quero dizer mal da belleza das mulheres em geral, nem negal-a. Podia confessar que a ignoro. Poucas Portuguezas se encontram no meio da rua. As que vão aos seus negocios pertencem ao pequeno commercio, á classe dos empregados subalternos, e se teem umas physionomias honestas, o seu traje, o seu penteado á moda de França, não acrescentam graça alguma ao seu aspecto, que aconselha a virtude.

Sem se conservarem tão rigorosamente enclausuradas como n'outro tempo, as senhoras da sociedade saem raras vezes sós, quasi nunca a pé. Affirmaram-me que ha uns quinze annos era indelicado fazer uma visita a uma senhora. Parecia que os costumes do Oriente se tinham acclimatado n'esta terra, tão proxima da Africa, e que a atmospheria fresca e tranquilla de cada familia aristocratica conservára das tradições mouriscas um certo ar de harem.

Tudo tem mudado muito; mas ouvi dizer que ainda havia muita independencia a dar ás mulheres n'este paiz tão livre e tão costumado á liberdade.»

Não ha muito que dizer a este respeito. A observação é verdadeira.

Citemos ainda uma bella pagina a proposito do aspecto de Lisboa.

«E' uma surpresa, um encanto. Esquece-se a fadiga da vigilia e da noite; as illusões magnadas e adormecidas despertam; nasce uma aurora na alma tão rapidamente como no céu. Em Portugal o sol não se faz esperar. E'tá seguro de si, e seguro dos que o esperam, não precisa de guerridico. E' madrugador e brusco. Chegamos a Lisboa debaixo de um azul alaranjado que se mira na mais formosa bahia do mundo.

Vi Napoles e sobrevivi á minha admiração. Lisboa pode rivalisar gloriosamente com Napoles, assim o affirmo, e com Constantinopla, assim o espero.

Esta cidade em amphiteatro, estendida, desdobrada sobre uma serie de collinas algumas das quaes téem cem metros de altura, com um comprimento de quatorze kilometros, branca de aspecto e com as suas casas revestidas de faiança que cseintillam ao sol, com os seus tectos revirados á chinzza nas extremidades e com as suas varandas uniformemente pintadas de verde, e impressionou-nos logo por um aspecto amavel, um ar grandioso e sem orgulho.

Essa bahia immensa, sulcada por barcos a vapor e barcos de velas batinas, navios de todas as nações, parece realmente uma extremidade de terra. Sente-se que para além vai principiar a infinito das aventuras e das descobertas; Lisboa é como que o adeus derradeiro e tocante da Europa. Uma vaga tradição attribue a sua fundação a Ulysses; preferia que se desse essa honra e Calypso, desesperada com a parida do rei de Ithaca, e estendendo os seus braços, da mesma forma que os de todas as suas nymphas, para o viajante inconstante.»

E' amavel, como vêem.

PINHEIRO CHAGAS.

CANTARES

A minha vida é falua
que nos teus olhos navega;
triste quando sae do porto,
alegre quando a elle chega.

II

D'um olhar e d'um sorriso
a minha paixão nasceu;
borboleta em pequenina,
aguia depois que cresceu.

III

Se tu fosses uma penna
e eu fosse um escriptor,
primeiro escrevia «pomba»
depois escrevia «amor».

IV

Amor perfeito e saudade
são plantas que juntas crescem;
quando olvidadas, deflnham,
quando tratadas, florescem.

V

As saudades da minha alma
são os meus unicos bens;
se te fôres, cá m'as deixas;
se voltar's, aqui as tens.

VI

Quem espera, desespera:
apesar de ser assim,
quem me dera estar no tempo
em que esperavas por mim!

Campo Grande.

GERMANO VENDRELL.

OS CRIMES ELEGANTES

(CONTINUADO DO N.º 49 DO 3.º ANNO)

VI

Era uma vez um Fonseca!

O Fonseca ficou radiante.

E sem dizer nada, apenas o criado que lhe annunciava a chegada do ministerio a sua casa, se retirou, dirigiu-se a Antonina e deu-lhe um beijo repassado de toda a sua gratidão,

Effectivamente era a ella, aos seus optimos conselhos, ao seu apuradissimo tacto politico, que elle devia aquelle enorme triumpho que acabava de obter no seio do gabinete.

Antonina comprehendeu a significação d'esse beijo e disse-lhe, sorrindo, conscia da sua victoria:

—Vés! Então o que te dizia eu?

—Tinhas razão, muita razão, como tens sempre, sempre, confessou o Fonseca entusiasmado, prestando homenagem justissima ás altas qualidades da sua formosa amante.

E depois d'uma pequena pausa, consultou-a:

—E agora? O que devo fazer? Insistir pela demissão? perguntou o Fonseca receioso, quasi que com lagrimas na voz, temendo que a resposta de Antonina fosse «que sim» e que se visse obrigado a dizer adeus á pasta de que gostava tanto já.

—Agora, tornou logo Antonina sem hesitações, agora transiges. Faze ainda uma certa insistencia na demissão, mas cede ao pedido d'elles, agradece-lhes commovido a prova de deferencia que te dão vindo até cá a casa pedir-te para não saihes do ministerio, mas accentua bem a tua abnegação em ficares, e faz valer a tua situação no gabinete, hein? Não renoves a scena d'inda agora, não abuses da tua qualidade de vencedor para humilhares o Silveira pelo que te disse, mas vae sempre fazendo sentir, que entraste para o ministerio sem o pedires, sem o desejares, embora os teus amigos julgando, obsequiarem-te com isso, tivessem, sem tu saberes, instado e luctado pela tua entrada—que d'esta vez ficas no gabinete não por vontade tua, mas unicamente e simplesmente por condescendencia para com a vontade de todos os teus collegas no ministerio.

--Perfeitamente, perfeitamente, disse pausadamente o conse-

lheiro Fonseca, procurando reter bem tudo o que lhe ia dizendo a sua conselheira.

—E quando disseses isto, vé lá, continuou Antonina, ouviste bem? pergunta se effectivamente é da vontade de todos, ou se representa apenas o desejo de alguns, essa obstinação em que tu não deponhas já o teu cargo nas mãos d'el-rei. E' claro, é positivo que todos á uma confirmarão ser isso vontade unanime, e então tu, agradecendo esse voto d'estima e de confiança, promette solemnemente continuar a merecel-as, faz protesto da tua lealdade politica, accentuando bem, ouviste? que essa lealdade tem unicamente por limites a tua consciencia e os interesses do teu paiz, que pões acima de todos os compromissos partidarios.

—Exactamente! Exactamente! appoio o Fonseca, isso é que é pôr os pontos nos ii.

—Percebeste bem tudo? perguntou Antonina, não se fiando lá muito na comprehensão do ministro da Fazenda.

—Percebi.

—Então dize lá, continuou ella tomando-lhe a lição.

O Fonseca repetiu pouco mais ou menos o que Antonina lhe dissera.

Ella, nos pontos mais fracos, fel-o repetir, emendou-lhe algumas coisas, e depois disse-lhe:

—Bom, agora podes ir.

O Fonseca ageitou a gravata, e entrou na sala.

Os seus collegas pozeram-se em pé, vieram para elle de braços abertos, e o presidente do conselho e o Silveira, abraçando-o ambos carinhosamente expozeram-lhe o motivo da sua visita.

Não podiam prescindir d'elle, disseram, a sua sabida seria a morte do governo, e então pediam-lhe que se sacrificasse por elles, desistindo da sua demissão.

—Não desisto, perdoe-me, mas não desisto. Devem comprehender o meu melindre.

E alludiu á scena desagradavel que se dera momentos antes, ás palavras grosseiras, ás revelações descortezes do Silveira, do seu collega do Reino.

O Silveira tornou a desfazer-se em desculpas.

O presidente do conselho reforçou todas essas desculpas com os protestos da sua estima, da consideração que todos tinham por elle.

E o Fonseca nada.

—Pois sim, pois sim, eu não estou offendido, accetto todas essas desculpas, agradeço-as muito, mas peço-lhes que não insistam. Deixem-me sahir do ministerio: não sei ser ministro politico, nunca o serei...

—Bom, é essa a sua ultima palavra? perguntou o Presidente do conselho tomando uma resolução.

O Fonseca ficou embaraçado com a pergunta e com o tom em que ella era feita.

Entretanto, por maior desejo que tivesse em dizer que não era a sua ultima palavra, que ficava no ministerio, comprehendeu que não podia dar essa resposta, que chegadas as coisas áquelle ponto, não tinha remedio senão sustentar a honra da firma.

E enchendo-se de coragem, respondeu no tom mais decisivo que poude arranjar:

—E'

E a tremer por dentro, ficou á espera do que d'ali sahia.

—Pois n'esse caso, meus senhores, disse o presidente do conselho, o conselheiro Malaquias, voltando-se para os seus collegas, n'esse caso eu vou já ao paço apresentar a El-Rei a demissão do sr. ministro da Fazenda...

O Fonseca fez-se verde.

—E juntamente, continuou o presidente do conselho com voz lenta e grave, voz de caso, e juntamente a minha demissão e a de todo o ministerio.

—Exactamente, exactamente, approvaram todos, comprehendendo a tactica do presidente do conselho. Exactamente, se o nosso collega sai, sahimos todos.

—N'esse caso, tornou radiante o Fonseca, mas fingindo-se muito resignado e triste, n'esse caso, fico.

—Bravo! Bravo! applaudiram todos acercando-se d'elle, felicitando-o, agradecendo-lhe o seu sacrificio, a sua resolução.

Então o conselheiro Fonseca aproveitou o ensejo para recitar a lição que lhe ensinára a Antonina.

E disse-a muito bem, na ponta da lingua.

O effeito foi o calculado por Antonina: os seus collegas ouviram tudo que elle quiz dizer, applaudiram muito, e ficou assente, com um voto unanime de agradecimento, que o Fonseca era indispensavel ao gabinete, que fizera um acto de abnegação continuando na gerencia da pasta da Fazenda, e que na gerencia d'essa pasta se governaria apenas pela sua consciencia e pelos interesses do paiz.

E d'ali a nada os ministros sabiam de casa do conselheiro Fonseca, tendo completamente modificada a opinião que d'elle tinham feito.

—E' um homem realmente superior, diziam todos.

E o presidente do conselho, o Malaquias, dizia ao seu collega do Reino.

—Meu amigo, dou-me por vencido, nunca imaginei que este homem fosse isto.



A PRINCEZA EMINEH, SOBERANA DO EGYPTO

—Nem eu, juro-lhe, confessou-lhe o Silveira, se o imaginasse não o teria indigitado para o ministro.

—Indigitado? Mettido á força, diga.

—Mettido á força, exactamente, concordou o Silveira. Fossem lá acreditá-lo!

—E põe-nos o pé no pescoço, verá, prognosticou o Malaquias.

—Já está pondo...

—Mas o que se lhe havia de fazer? Demais a mais você commetteu a inconveniencia de lhe dizer tudo aquillo.

—Não tive mão em mim, confesso...

—Imagine o effeito que produziriam amanhã no paiz as declamações d'aqu'elle homem, a narração da sua entrada no gabinete, e os mouvos da sua sahida!

—Era um escandalo!

—Um escandalo inaudito, que nos atirava de pernas para o ar... e para sempre.

—Para sempre, não, que no nosso paiz não ha ninguem que fique de pernas para o ar para sempre, mas para um par de annos, é positivo.

—Pois sim, o negocio está remediado por agora...

—Mas é preciso pô-lo com dono depressa, disse o Silveira.

—D'accordo, não nos convem cá de forma alguma.

—Mas é preciso pô-lo com muito geito.

(Continúa).

GERVASIO LOBATO.

NO ALGARVE

IV

Tavira

Quatro leguas para o poente da foz do Guadiana, seguindo a beira do Oceano, encontra-se a cidade de Tavira.

Todo o caminho é plano e sem declives.

A paisagem pittoresca: hortejos, fazendas, figueiras que vêm morrer nos limites da estrada, muros caiados emergindo dos arvoredos, casinhas perdidas nos montes alvejando de longe em longe, gados dispersos razando os restolhos, largas fachas de vinhedos rasteiros, oliveas cheios de sombra, alfarrobeiras alentadas, de troncos grossos, mal feitos, e ao fundo as encostas da serrania affastada com tons vagos de cobre diluido em azul; para a esquerda o mesmo panorama, encravado aqui e ali, pelas aberturas dos valles, em pedaços de mar sereno, onde se immobilizam direitas, a prumo, velas solitarias de pequenas embarcações de pesca, simulando grandes azas brancas invertidas e mergulhadas n'uma planicie de prata fosca.

Quando o sol nasceu as ultimas nevoas evolveram-se, e um bando enorme de pardaes chasqueadores veio pousar nos espinheiros d'um vallado, parecendo, na sua alegria farta e ruidosa, atirar risos de mofa ao trote cambaleante das magras pilecas que nos arrastavam.

— Anda, *Estrellado!* anda, filho do diabol Raios partam o raio do gadol!

E o chicote—um chicote feito de tiras estreitas de coiro entrançadas—caia pesadamente, brutalmente, no dorso esqueltico, vincado de saliencias osseas, dos dois cavallos, enquanto o *vigia* trauteava uma nodinha p' pular, deitado lá em cima, no tombadilho, a barriga para o ar, e pr' fanando o azul com o seu olhar imbecil, ainda ennevoado das ultimas horas de dormir bestial.

—Seja mais humano e não castigue assim os pobres animaes Voltou-se a meio, encarando-me:

—Trazemos meia hora de atrazo. Se não chego a tempo, quem paga as favas sou eu, que me multam. Para eu morrer morra meu pae que é mais velho!

E resmungou uma praga soez, cingindo com uma chicotada violenta os dorsos suados das bestas.

Eram cinco horas.

A natureza despertava do seu lethargo. Dava-se principio á faina do campo.

Pelas portas das herdades appareciam caras estremunhadas de homens em mangas de camisa, espreguiçando-se longamente: alguns garotitos meio nus vilham até a beira da estrada olhannos com os seus olhos curiosos, muito abertos: de sonda passavam carretas pesadas ao passo lento de bois corpulentos e guiados La henie por carreiros de cintas vermelhas e sapatos brancos: cubria-se o bater de rodas das pedras brancas das freixas, lá em laixo ao fundo dos vallados, e as liçadas de giuços

de lavadeiras, que chegavam até nós com o correr da agua nos seixos.

—Salve-os Deus! Santos dias lhes dê Nosso Senhor! diziam-nos a cada instante os camponios que se cruzavam.

E nós aspiravamos soffregamente o ar sadio dos campos; e o espirito sentia-se bem n'essa liberdade, n'esse meio ingenuo, tendo por tecto a profundeza enorme do ceu todo azul, ao passo que o nosso pobre corpo jogava doidamente com os solavancos do vehiculo—uma carroça ante-diluviana, pesada, a desfazer-se, gemebunda como um velho gottoso, enlameada, suja, de assentos duros como callosidades de macaco, e que faz o serviço do correio entre as povoações do littoral.

Mas toda a minha indignação de commodista beliscado por essa continua serie de saltos caia desarmada perante o espectáculo que me absorvia e vinha arranjar ao fundo da memoria tantas recordações adormecidas!

Era bem o Algarve, aquillo!

As mesmas perspectivas, a mesma serenidade, os mesmos valles relvosos, as mesmas nóras velhas que gemiam, o mesmo tom morno da athmosphera limpida e sem mancha como um veu de noiva.

E na minha generosidade de creança resuscitada, perdoei ás molas do carro, para abraçar n'um repente todo o vasto quadro que a natureza offerecia ao meu olhar deslumbrado.

Davam seis horas ao longe, na velha cidade de Tavira, quando n'uma volta da estrada surgiram as primeiras casarias baixas dos arrabaldes.

E' uma terra modernizada.

Da antiga povoação mourisca apenas restam aqui e ali uns pedaços de muralhas escalavradas. E' pouco accidentada, como todas as que marginam o oceano para o occidente.

Um braço do mar, entrando pela barra que demora a alguns kilometros d'ali, alturas de Cacella, atravessa a, dividindo-a em duas, e segue pelo campo fóra no seu leito modesto e lamacento.

Nas marés vivas, o rio cheio de lado a lado, dá-lhe um aspecto festivo e alegre.

De resto a cidade é triste, e as suas ruas quasi desertas lembram as viellas tortuosas d'um bairro arabe.

Tem uma vida parada, indolente—monotonia quebrada pela presença do batalhão de caçadores 4. que a torna quasi uma cidade militar com os seus toques de clarim constantes e com as vistosas fardas que se cruzam a cada momento.

O viajante fica geralmente bem impressionado com a vista d'esta cidadezinha que se alastra no valle, cortando as sinuosidades do terreno, e cercada de hortejos, parecendo uma grande aldeia de cartonagens caprichosas entalada n'um monte de verdura.

Predomina em todas as edificações o mesmo desenho architectonico, acanhado, vulgar, desleigante, rico seguido em quasi toda a provincia, onde o gosto pela arte mal principia a revelar-se.

O porto é mau, e a barra de areia movedel não permite a entrada a navios de alto bordo, que apenas ali chegam a ancorar em preamar de aguas vivas.

Exporta os productos d'aquella parte da provincia—amendoas, alfarrobas, tigios, laranja—mas em pequena escala.

Tem pouco desenvolvimento o seu commercio: a industria da pesca cresce dia a dia, tornando-se a principal fonte de receita para as classes pobres.

N'essa tarde jantámos juntos—eu, elle, ella e um traquinas muito vivo, que mal pronunciava duas syllabas juntas.

Na vesp'ra ainda me eulevára frente a frente d'um casal arulhador: agora, em face d'estes dois, sentia-me pouco firmemente instalado no meu baluarte de pessimismo.

Não seria, pois, um mytho essa felicidade completa que o poeta sonha na sua phantasia de doido?

E olhando para traz, muito para traz, vi essa interrogação esculpida em todos os dezembros chuvosos e nublados, ao lado d'uma duvida aveihantada.

Mas era verdade aquillo.

Devia de ser a verdade que assomava luminosa e doirada por entre aquelles risos serenos, n'aquellas phrases que se trocavam d'um extremo ao outro da meza a que me encostava, com o olhar fixo n'esse par, e presentindo em todo o quadro os indicios d'uma ventura que se firmasse.

E' que o interior dos *ménages* é como que o reflexo do viver intimo das familias. Estampa-se na immobilidade das coisas o perfil moral dos seres. Ha uma linguagem muda e eloquente na phisionomia parada dos ornatos—photographia nitida das tempestades e calmarias domesticas.

E os vendavaes nunca fustigaram aquellas praias, batidas ainda dos raios suaves do primeiro luar. Via-me á beira d'um lago liso, em que se reflectiam dois rostos radiantes.

E esse quadro remoçava-me, tornava-me quasi b'm, fazia-me participar da alegria dos dois, contagiando-me d'um anseio indefinido para idylisções extra-mundanas.

Diabol são perigosos estes felizes que surgem ás vezes no



AGRADAVEL SURPREZA

nosso caminho! Depois somem-se na espessura mysteriosa dos seus amores, deixando-nos na boca algumas gotas d'agua, no espirito o fuzilar d'uma invejasita surda.

Creio que os abençoei cá bem do fundo d'alma.

E n'esse instante deverei de ter tomado as proporções d'um monge antigo que deposesse as suas mãos alvas e tremulas sobre as cabeças de dois amantes ajoelhados.

Fujâmos para o poente e continuemos a tarefa de *reporter* d'occasião por esse paiz adiante.

* * *

Pela noite desenhou-se quasi de repente no extremo da planície o vulto negro e confuso da miha terra, cortada aqui e ali por alguns lumes solitarios e amortecidos.

Faro dormia aos meus pés.

LORJÓ TAVARES.

NOITE DE FINADOS

LENDA—TRAD. DO HESPANHOL

Havia descido a noite pavorosa e fria.

O ceu envolvera-se em plumbeas nuvens que encobriam o brilho das estrellas; e o vento, sacudindo com força os despídos ramos das arvores, soltava gemidos dolorosos e tristes.

Dispersas pelos campos, nos cumes dos montes, ou pelas faldas da serra, desliçavam umas tremulas e pallidas luzes phantasticas entre a infinita escuridão da noite. Eram os bons catholicos da aldeia que recolhiam ás suas casas, levando consigo as lanternas que, n'aquelle dia de finados, tinham collocado desde a madrugada, accensas, no cemiterio, sobre as covas dos seus parentes e amigos não olvidados.

Ao longe, tangendo em meio do silencio profundo da noite, como uma voz immensa de agonia, como o echo melancholico de uma alma penada, a sineta da igreja deixava ouvir o seu monotono som, fallando aos vivos da proximidade da morte, pedindo para os mortos uma prece e uma recordação dos vivos.

Pouco a pouco, as luzes das lanternas fôram-se apagando na sombra.

Não se escutava o mais ligeiro rumor, e apenas o sudoeste açoutava as toscas chaminés das casas, golpeando com furia as debeis vidraças.

Ao escutarem os gemidos do vendaval, as creanças que não podiam conciliar os omno, acocoravam-se no leito, tapando as cabeças com as roupas, para fugirem aos tetricos phantasmas da sua imaginação, e as velhas resavam devotamente junto da lareira.

Havia-se recolhido ao seu quarto o cura da pequena povoação.

A noite de finados costumava elle passal-a em oração, como bom christão que era.

De joelhos, ante um modesto altar simplesmente decorado, o santo homem resava pelos que não voltam mais e pela salvação das suas mansas ovelhas.

De manhã, depois de ter intercedido por todos, havia no seu rosto veneravel um estranho aspecto de calma e felicidade, que a gente não podia contemplar sem que um mystico respeito nos dulcificasse a alma.

Estava elle abysmado na mais ardente das suas orações, quando um ligeiro rumor o fez voltar a cabeça.

Voltou-se com rapidez, e achou-se na presença de um homem coberto por uma ampla capa, que o occultava completamente.

Tinha o chapéu na mão, o modo humilde, e a fronte de uma pallidez de cera.

—Quem és?—perguntou o sacerdote, cuja voz tremia a pezar seu, pelo inesperado da aparição.

—Deus mandou-me ter contigo—respondeu o desconhecido. Trata-se de uma obra de caridade—Segue-me!

—Fallas-me de Deus e de Caridade?—Estou ao teu dispor; e o cura dispoz-se a sair.

—O desconhecido inclinou a cabeça e sahiu primeiro.

—Onde vamos? perguntou o padre.

—A' igreja.

O vento havia acalmado. A noite estava agora tranquilla e silenciosa, porém escura e ameaçadora, como o espirito das trevas a poderia desejar para algum dos seus sortilegios.

A marcha durou algum tempo. Extraordinariamente impres-

sionado, o sacerdote não se atrevia a fazer a minima pergunta ao estranho homem que caminhava a seu lado, silencioso e de cabeça baixa.

Um momento porém pareceu-lhe sentir atraz de si um ruido, tenue como o rumorejar de folhas seccas arrastadas pela aragem.

Voltou instinctivamente a cabeça, e sentiu o sangue gelar-se-lhe nas veias.

Atraz d'elle caminhava uma numerosa procissão de phantasmas envoltos em sudarios brancos e formados em duas filas.

Todos traziam as cabeças inclinadas para o peito, e parecia que apenas roçavam o solo com os pés.

Chegaram á igreja.

As vellas estavam accensas e o missal aberto.

O mysterioso homem voltou-se para o sacerdote, inclinou-se perante elle e disse-lhe:

—E' necessario que celebres o santo sacrificio por nossa intenção.

Todos o ouviremos attentamente, todos o necessitamos. Deus assim o quer.

Atraz d'elles entraram os phantasmas, que n'um instante encheram os bancos, e invadiram as naves do pequeno templo, apinhando-se em todos os cantos.

O silencio era cada vez mais profundo.

O sacerdote, possuido já do sentimento da sua missão, dirigiu-se para o altar com passo seguro, cu'vou o corpo ante a ara, juntou as mãos, e começou a missa: *Intribo ad altare Dei.*

Todos correspondiam com verdadeira unção.

Chegado o momento da consagração, nem um ficou de pé.

Tinham ajoelhado, e, com a cabeça no solo e os braços estendidos, resavam e choravam piedosamente.

Quando a missa terminou, o cura voltou-se e deitou a bênção aos silenciosos phantasmas.

Beijou o altar pela ultima vez, e ao descer, ficou assombrado.

A igreja estava vazia.

Saiu para a rua.

Uma delgada facha luminosa circumdava o horisonte; cantavam os gallos, e a noite recolhia os seus escuros mantos.

Ao longe, muito ao longe, pareceu-lhe ver, precisamente sobre aquella cinta de luz prenunciadora do dia, a procissão das almas penadas que, despidas dos seus brancos sudarios, subia aos ceus e se perdia entre as nuvens.

E' tradição geral, no logar, que a missa lhes abra as portas do ceu.

Desde então, todos os annos, na noite de finados, as mães contam a lenda a seus filhos, exhortando-os a rezar pelas almas dos parentes mortos.

E com os olhos pasmados, as creanças creem distinguir na sombra contornos e perfis, que lhes recordam as pessoas suas conhecidas e já sepultadas na paz silenciosa do sepulchro.

ALFREDO GALLIS.

LUIZ GUIMARÃES

SONETOS E RIMAS

Evola-se d'este livro, na contemplação do qual me absorvo e delicio, uma sensibilidade tão communicativa, tão persuasiva, tão profunda, delicada e viva na espontaneidade com que se nos transmite, e no poder emotivo com que nos prostra, vibrando sob a sua mysteriosa força dominadora, que só por si ella exclue qualquer idéa de artificio.

E todavia, n'es-a força, onde se sente palpar a chamma de uma fantasia de apaixonado, onde se sente correr em ondãs, como as seivas que rebentam impetuosamente ao longo das mattas virgens, o vigor nativo de um temperamento dos tropicos, uma doce melancolia, quasi mystica, uma infinita suavidade quasi feminina, a generosa e limpida inspiração de uma alma que padece sem descer, separam totalmente o poeta dos *Sonetos e Rimas* de todos esses illustres energumenos,—os poetas da geração nova—Richepin, Rolinat, Guerra Janqueiro, Gomes Leal e outros,—que transformaram o sonoro rythmo de crystal na aspera gargalhada de Mephistopheles, que transformaram a meiga e consoladora Poesia, que nos fallava, a nós, mulheres, do amor, da crença, do céu azul, onde resplendem os astros, e da terra onde desabrocham as flores, na cathedra, onde elles, os Moysés da nova lei, blasfemam e negam tudo o que nossas mães nos ensinaram a amar e respeitar, curvadas para o nosso berço, tudo que a nossa alma quizeria ainda respeitar, amar, abençoar e crer, ao resvalar para o tumulo.

Bem sei que estou sendo pueril, que estou revelando a minha deplorável ignorância, a minha triste educação rotineira; que me estou expondo, sem guarda-chuva preventivo, á saraivada de epigrammas ou aos desdens latentes da synagoga litteraria, na qual entroncam hoje todas as floridas vergontes da mocidade portugueza.

E' evidente que eu concorreria para illustrar o meu nome e para esconder a minha ignorancia das modernas formulas positivas, caindo de joelhos diante das *Nevroses* de Rollinat, prostrandome em extasis perante as absurdas *Blasfemias* de Richepin, adorando até ao ultimo verso, o *Anti Christo* de Gomes Leal e preferindo á formosissima e radiosa introdução do ultimo livro de Guerra Junqueiro, as estrophes impias em que os versos teem attitudes satanicas e galopam tumultuosamente, em uma sarabanda infrene, em uma infernal dança macabra, que parece arrancada á noute de Valpurgis.

A Sciencia desthronou o Lyrismo, a deducção annullou a abstracção, e o Facto, com todas as suas desolantes realidades, matou a Chymera, com todas as suas divinas mentiras.

Pois bem, meus senhores, o Lyrismo está morto, *parce sepul-tis*, rezemos-lhe na cova o *pater*, contra o qual a sr.^a D. Amelia Cardia acaba de lavar um protesto indignado.

Mas em quanto a nossa pobre alma, mortalmente ferida, continuar a sentir, a padecer, a amar, e a sonhar; em quanto a devorar a mysteriosa sede de ideal, que nenhum dos livros de Comte, de Spencer, de Darwin ou de Leitré poderá saciar-lhe; emquanto a torturar a ancia do ignoto, a nostalgia do increado, a eterna aspiração para a infinita perfectibilidade; em quanto o sonho a arrebatat nas suas azas de luz para um mundo, povoado de radiosos mythos, de dulcificantes illusões e de consoladoras miragens, deixem-nos espalhar violetas n'essa cova adorada, onde dorme, á sombra das nossas saudades, o unico amigo que entendia e suavizava os nossos amargos desencantos.

No admiravel livro de Luiz Guimarães, que reabre aqui, na minha escura banca de trabalho, roseos alvares de extinctas primaveras, eu vejo-o erguer-se da campa, o pobre morto, coroado de estrellas, constellado de reluzentes pedrarias, rejuvenescido e bello como um deus ignoto; á sua harmoniosa voz, onde vibra toda a complexa e mysteriosa linguagem da alma humana, desde o loiro epithalamio, rescendendo a rosas e lyrios, até á funebre elegia, em torno da qual a morte adeja; a essa voz subjectiva, que é a voz do nosso proprio coração, gota de balsamo que suavisa, esperança que reanima, ecco, embora longiquo, da eterna Dor que consome a vida, cada uma de nós, mulheres, levanta os braços para o céu e do fundo da nossa obscuridade, da nossa incompetencia e da nossa ignorancia, cada uma de nós agradece ao anjo tutelar, a quem Deus confiou o encargo de consolar os tristes, os humildes e os fracos, haver elle, em uma hora de munificencia, creado a Poesia, em seguida aos homens terem inventado para seu uso a nova religião, que se chama Sciencia.

Fialho d'Almeida, no brilhante prefacio que nos leva aos esplendores do templo por um atrio de marmore de Carrara, insculpido de mosaicos florentinos, resalva a imputação de lyrico, que poderia, no modo de ver do critico, attenuar ou comprometter a gloria do grande poeta brasileiro, e chama-lhe parnaseano.

E querendo explicar a acuidade descriptiva, a flexivel ductilidade, o raro esmero da forma e a fina e vibratil sensibilidade que o insigne artista synthetisa nos seus admiraveis versos, Fialho d'Almeida conclue: «Como o *Charles Demailly* dos Goncourt, Luiz Guimarães poderia talvez dizer:—*je suis un homme pour qui le monde visible existe.*»

Lyrico ou parnaseano, (a designação, em tal caso, é o que menos importa), os *Sonetos e rimas* de Luiz Guimarães, editados com raro primor e desusada elegancia pelos srs. Tavares Cardoso & Irmão, constituem de certo um dos mais notaveis livros da actualidade.

Arrancar-lhe-hei, ao acaso, alguns versos, que os leitores levantarão da minha arida prosa, como os mergulhadores levantam do fundo pelago, onde se enroscam os limos e as algas, a perola, a immaculada e gloriosa perola, irmã dos lyrios e rainha das joias.

Como é ligeiro o esquite perfumado
Que conduz o teu corpo, oh flor mimosa!
Mal pousaste entre nós, alma saudosa,
Pouco adejaste, oh cherubim nevado!

E vaes descendo ao tumulto sagrado,
Qual a incauta e leve mariposa
Que sem sentir queimou a aza anciosa
Do mundo vil no fogo profanado.

Mas eu que acabo de te ver perdida
Nos abysmos sem fim da Natureza,
Oh minha filha! oh terna flor cahida!

Eu que perdi contigo a fortaleza,
As illusões, o goso, a crença e a vida,
Ah! eu bem sei quanto esse esquite pesa!

Oçam o poeta, fallando á sombra do anjo que lhe voou dos braços:

Ha poucas horas apenas
Que te partiste a voar,
D'este mundo e d'estas penas,
Oh creatura exemplar!

Fugiste á vida traidora
E á nossa vil multidão,
Em busca da infinda Aurora,
Da eterna Consolação.

Risonho, loiro, suave,
Tua mãe viu-te passar
Como um relampago, uma ave
Na lisa face do mar.

Mal tuas azas ethereas
Roçaram do mundo atroz
A podridão e as miserias,
Oh andorinha veloz!

Teus dias foram contados
E breves, oh meu amor,
Como os pistillos doirados
Da rosa—a divina flôr.

Déste á terra ingrata e rude,
No teu fulgido clarão,
A semente da virtude
É a raiz d'um coração.

D'um coração de amianto,
D'uma alma gemea da luz:
Beijo orvalhado de pranto,
Cravo das mãos de Jesus!

E como a flôr morre, abrindo
As folhas ebrias de mel,
Tu acabaste sorrindo,
Oh meu anjo Gabriel!

O teu encanto profundo
Deus formara-o para si:
O mundo, este negro mundo
Não era digno de ti.

Que nos importa que Luiz Guimarães seja um lyrico ou um parnaseano?

Para a gloria, que lhe illumina o nome, e para a admiração que suscita em nós o talento genial do grande sonetista, bastanos saber QUE ELLE É UM POETA.

GUIOMAR TORREZÃO.

O PRIMEIRO PEZAR

Na verdade elle estava-se demorando muito! Noite cerrada, e sem vir! Amelia impacientava-se, subia e descia escadas, levantava as vidraças e espreitava para fóra, mal sentindo a chuva que lhe fustigava as faces, e a nortada desabrida e cortante que lhe revolteava o cabello... Mas a rua achava-se deserta, tristonha, com um aspecto semi-phantastico produzido pela luz soturna dos lampeões, que, agitada pelo vento, fazia mover as sombras em constante dança macabra de rodopios febris e doidos. Voltava para a sala e sentava-se desanimada, com a mente agitada por mil pensamentos maus.

—Que seria que o fazia demorar tanto? Acontecer-lhe-ia alguma desgraça?

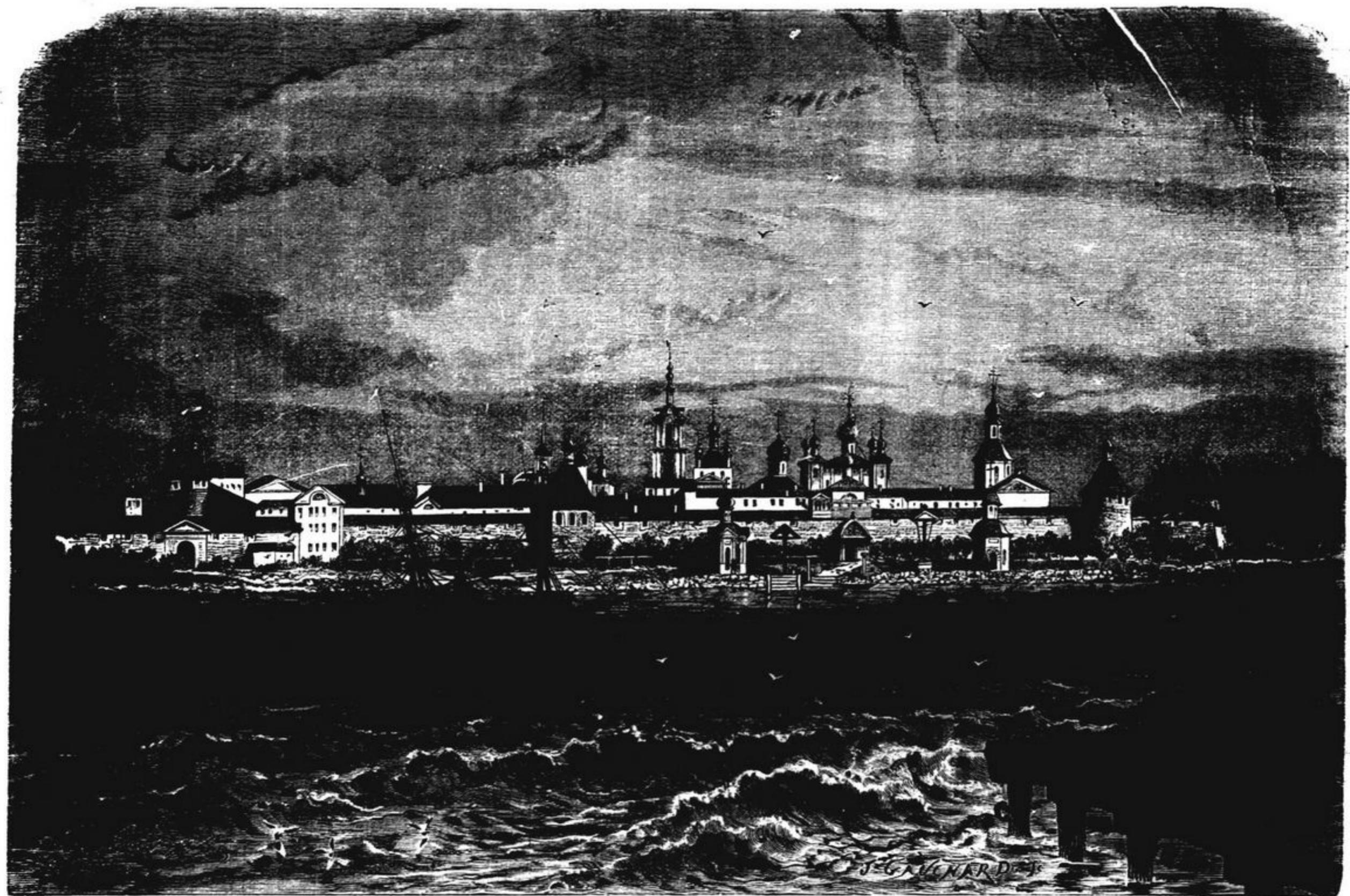
E a esta lembrança, percorriam-lhe o corpo calafrios de terror.

—Nada, é porque á sahida do escriptorio se lhe deparara qualquer importuno ou tivera algum serviço extraordinario, á ultima hora.—procurava explicar a si propria, forcejando por socegar da agitação em que a lançara a desacostumada demora.

N'isto ouviu rodor ao longe um trem, e o coração bateu-lhe com mais força. Era elle, não havia duvida; e, levantando-se, tomou o caminho da escada. Mas o trem passou, sem suspender o rapido andamento. Uma hora de demora, elle, que desde que estavam casados, havia dois mezes, infallivelmente entrava para jantar ás cinco horas em ponto!

—Mas não tardaria a chegar... E, para enganar a impaciencia, foi até á sala de jantar, vér se tudo estava em ordem. Ageitou as flôres, collocou melhor os guardanapos, chegou mais um pouco a garrafa da agua para o logar do marido, e, indo buscar o jornal, pousou-o ao lado. Compoz o cabello ao espelho, ageitou o laço do corpete, para que elle a achasse, como sempre, o mais formosa possivel. Tudo estava emfim em ordem, só faltava que elle viesse. E como se demorava!

Então logo n'aquelle dia, que tanto tinha que lhe contar! A visita de umas amigas de collegio, variadas minudencias do ser



CONVENTO DE SOCLOVETSK, VISTO DO LADO DO MAR

viço caseiro, e pedir-lhe a opinião a respeito de um bordado que começara. De pois reservava-lhe uma surpresa, um manjar que elle apreciava immenso e que de manhã manipulara. Mas elle que não vinha...

A sala de trabalho, mal allumiada pela fraca luz d'um candieiro, achava-se mergulhada n'uma semi-obscuridade propicia ao desenvolvimento de pensamentos maus. A creada labutava na cosinha, e Amelia, só, ouvindo fóra assobiar o vento e a chuva bater fortemente nas vidraças, enchia-se de sustos e de pueris terrores. Recordava-se, então, quando casaram, no começo de dezembro, d'aquelles primeiros quinze dias em que o noivo não sahira de ao pé d'ella, satisfazendo-lhe os menores desejos, os mais leves caprichos...

Em seguida,—primeiro contratempo—começara o trabalho e com elle a auzencia forçada do marido durante quasi todo o dia. Com que ancias não esperava então pela volta, a noite, parecendo-lhe que os dias decorriam n'uma lentidão medonha!

E escutava attentamente ao sentir passos... Era um visinho que chegava. Ouviu-o metter a chave na porta e batel-a depois fortemente, fechando-a.

Nada, por força lhe acontecera alguma desgraça. A demora era demasiado longa. E presa de susto, as pernas tremiam-lhe e as lagrimas forcejavam por irromper dos olhos, em borbotão.

—Que fei! Se soubesse o que ella estava soffrendo, de certo não se demoraria tanto... As mulheres sabiam amar mais e melhor que os homens, oh se sabiam! pois pela sua parte sempre queria estar ao pé do esposo estremecido, enquanto o ingrato andava por fóra, talvez esquecido d'aquella que o esperava em casa, afflicta e chorosa.

—Por onde andaria? Que faria? E a vibora do ciúme irrompia-lhe, pela primeira vez, no mais recondito do peito.

—Seria por causa de alguma outra mulher? Nada, não era possível. Elle amava-a muito, tinha a certeza d'isso.

Depois, haviam casado por amor... E vinha-lhe á imaginação, como se fosse n'aquelle momento, o primeiro encontro em que ambos, mutuamente agradados, se sentiram presos pelos laços d'aquella estima que agora os tornava legalmente um do outro, e todo o longo affecto em que nunca houve um arrufo, um pesar, e que tivera a consagração n'uma modesta capellinha d'aldeia, onde um santo velho o abençoara, unido-os para todo o sempre.

Era lá possível que elle a pudesse atraiçoar! Não... para longe tão negro pensamento...

M... n'isto... agora não se enganava, não; nas lages do passeio soavam umas passadas muito suas conhecidas.

Desceu as escadas n'um pulo, e mal o marido abriu a porta, ella, patentando-lhe os terrores de que estava possuída, lançou-se-lhe, soluçante, nos braços, e elle, unindo a carinhosamente ao peito, beijou-a com affecto, segredando:

—Louquinha! Valia lá a pena!

EDUARDO SEQUEIRA.

AS NOSSAS GRAVURAS

JAYME LARCHER

Entre a galeria de retratos aqui publicados, tem, por muitas razões, logar honroso, o retrato do illustre engenheiro Jayme Larcher.

Este notabilissimo trabalhador nasceu em Lisboa, a 25 de setembro de 1826, e occupa hoje, na arma de engenharia, o posto de coronel, sendo um dos ornamentos mais brilhantes do nosso exercito.

Estudante distinctissimo, cursou a Escola Polytechnica de Lisboa e a de Pontes e Calçadas em Paris, conquistando sempre, pela sua applicação e pelo seu talento, pergaminhos escolares d'alta valia.

Como engenheiro, o nome de Jayme Larcher é proferido com admiração e louvor. Fallam das suas aptidões extraordinarias muitas obras notaveis, grande numero de trabalhos elogiados pelos homens de sciencia mais considerados.

Quando outra coisa não houvesse a attestar os altos merecimentos de Jayme Larcher, bastaria o modo porque elle administrou a Penitenciaria de Lisboa, sabendo pôr cobro a alguns abusos ali commettidos.

Uma das qualidades mais caracteristicas e apreciaveis do illustre engenheiro, além da sua proverbial honradez e da excessiva delicadeza que o distingue, é a extrema economia com que sabe executar todas as obras de que o encarregam.

Jayme Larcher dirigiu o traçado do caminho de ferro de Alentejo, os planos inclinados de Porto Brandão, as obras da Camara dos Pares e as construcções da fabrica de lanifícios de Torres Novas, tendo sido, em 1873, enviado a França, pela direcção d'aquella fabrica, para comprar machinas.

De todos estes encargos se desempenhou d'um modo brilhante, merecendo os encomios dos peritos mais abalisados.

O distincto engenheiro, de quem hoje temos a honra de publicar o retrato, é membro illustre da Camara dos Pares, desde 1865, e tem, a adornarem-lhe o peito, além d'outras condecorações, os habitos de cavalleiro da Legião de Honra, Conceição, Salvador da Grecia e Aviz, a commenda d'esta ultima ordem militar e a medalha de prata, de comportamento exemplar.

A PRINCEZA EMINEH, SOBERANA DO EGYPTO

Esta gentil princeza, neta do segundo vice-rei do Egypto, Abbas-Pachá, nasceu no Cairo, em 1854, e casou, aos dezoito annos, com o actual Khediva. E' mãe dos principes Abbas Bey, herdeiro presumptivo, que nasceu a 14 de julho de 1874, de Mehemet-Ali e de duas princezas de tenra idade.

A princeza Eminéh não se entrega ao *dol e far niente* dos orientaes, embora houvesse nascido entre elles. Recebeu uma excellente educação perfeitamente europea. Falla correctamente o francez e o inglez, veste quasi sempre pelos figurinos de Paris, e soube introduzir na sua cõrte uma etiqueta muito severa, e muito distincta das usanças tradicionaes das cõrtes mahometanas.

E' admiravelmente formosa, de feições e formas correctissimas. Tem a cutis muito branca, olhos negros e brilhantes e cabello castanho annellado.

O Khediva consagra-lhe uma grande estima, porque o caracter energico da princeza e os rasgos do seu coração varonil já por mais de uma vez, nos dias de perigo, souberam inculcar alento ao animo debil e vacillante de seu esposo.

Os egypcios veneram e respeitam a sua soberana e têm em grande conta os seus generosos sentimentos.

O CONVENTO DE SOLOVETSK, VISTO DO LADO DO MAR

Já aqui demos uma vista geral do convento de Solovetsk, fallando, por essa occasião, largamente d'elle, tanto quanto o espaço nos permitia. A nossa gravura de hoje representa o mesmo convento, visto do lado do mar.

Solovetsk, conforme já dissemos, é a ilha mais importante d'um grupo situado a alguma distancia das costas da Coralia: tem quatro leguas no seu maior comprimento, e tres, na sua maxima largura.

No vasto convento que a nossa estampa representa, ha officinas em que o ruido do trabalho se ouve desde pela manhã até á noite. Ali, o frade russo não reza apenas: faz alguma cousa de mais pratico:—trabalha.

AGRADAVEL SURPREZA

Já no occaso da vida, sem as preocupações dos seus bons tempos, d'aquelles aureos tempos em que tomava parte nos bailes camprestres, nas romarias festivas e nas descamisadas alegres do logar, a velhinha da nossa gravura entretém-se a contar historias de moiros encantados, a fiar linho no canto da lareira, e a fazer criação de gallinhas. Esta ultima distracção, sobretudo, é o seu mais doce enlevo, constitue o mais ineffavel dos seus gozos.

Cada vez que, dos ovos deitados, vé sair um pinto, com as pequenias azas mal cobertas de penugem amarellada, e correndo tropçadamente em demanda do calor da gallinha, a nossa boa velha bate as palmas de contente e fica por largo tempo a contemplar aquelle risonho quadro, achando immensa graça ás poses orgulhosas da ave que está no choco, sobranceira e altiva, e aos saltinhos dos pequeninos seres, que se abrigam sob as suas amplas azas, procurando o agasalho vivificante e benefico.

Uma ninhada de pintos, que apparece ao canto da cosinha, tem sempre para ella um novo encanto, provoca-lhe sorrisos de doce jubilo, surprehende-a agradavelmente, como se nos animaesinhos recém-nascidos se consubstanciasse toda a sua ventura toda a sua felicidade.

A nossa gravura representa-a n'esta attitudo contemplativa e sympathica, mostrando-nos o seu perfil illuminado pela alegria que lhe vae n'alma, ao vér a prole gentil da gallinha predilecta.

Respeitemos aquella infantilidade dos oitenta invernos. Ha muita poesia na distracção da pobre velhinha, e póde bem ser que nós, hoje rapazes, quando as cãs nos alvejarem na fronte, sejamos tambem poetas a seu modo. Quem sabe...

O CHALÉT DO SR. MANCELLOS FERRAZ, NA PRAIA DA GRANJA

Este elegante e gracioso chalét distingue-se, pela sua encantadora construcção, entre todos quantos povoam a bella praia da

Granja, o ponto de reunião obrigado da *haute gomme*, durante a época balnear. Eis a razão porque o damos hoje aqui, em gravura extrahida d'uma esplendida photographia da ex.^{ma} sr.^a D. Margarida Relvas.

Depois do *chalet* do sr. Mancellos Ferraz, os mais bellos que se encontram n'aquella pittoresca praia são os dos srs. Ayres de Gouveia e Henri Burnay.

EM FAMILIA

(PASSATEMPOS)

CHARADAS NOVISSIMAS

Este homem illumina, se é intelligente—1—1.
Isolado, na musica, queira assentar-se n'elle—1—1.
Ha na America uma mulher com este nome—2—2.
Grande lavor no cigarro—1—2.

J. L. PERPETUA.

CHARADA GEOGRAPHICA

(Retribuição, ao distincto charadista covilhanense, Antonio R. Franca)

Já em casa, a trabalhar,
Tenho os melhores op'raros,
P'ra dignamente alojar
Os Plenipotenciarios
Que acaba de me enviar.

E em quanto a nós, toca a andar
'stá feito o conhecimento;
Creio, não se hade escusar;
Sem demora d'um momento,
Vamos ambos viajar.

Nós em primeiro lugar,
—Veja se é boa a idéa
Que lhe vou apresentar—
Vamos á Russia européa
Linda cidade admirar.—1

Depois, á França gosar,
Mas será bom, caro amigo
A ultima letra trocar,
P'ra sem o menor perigo
A esta cidade chegar.—1

E, mesmo sem descansar,
A cavallo, á redea solta,
Vamos a bom galopar
P'la Prussia dar uma volta,
Mais est'outra visitar.—2

E se acaso lhe agradar,
(Não julgue que isto é chiméra)
Vamos pelo mesmo andar
Ao reino da Baviera
Inda mais outra admirar!

MATHEUS JUNIOR.

Enigma

T DO I

ROQUE DE SEIXAS.

Expediente.—A' charada em verso do nosso distincto collatorador, A. Meruje, publicada no ultimo numero, faltou a indicação de mais uma syllaba, diante do verso que termina pela palavra *disparo*. A charada tem, pois, tres syllabas, e não duas. Em virtude do lapso indicado e corrigido, não damos ainda

hoje a decifração d'aquella charada, reservando-a para o proximo numero.

Decifrações

DAS CHARADAS NOVISSIMAS:—Cama—Sado—Sachristão.
DA CHARADA EM VERSO:—Util.

UM CONSELHO POR SEMANA

EMPLASTRO PARA CALLOS

Tomam se 6½ grammas de gomma ammonical, egual quantidade de cera amarella e 2½ grammas de verdete. Faz-se um emplastro d'estas substancias e colloca-se sobre o callo.

A RIR

O velho tio está na ultima extremidade.
Os tres sobrinhos perguntam, anciosos, a opinião do medico.
—Poupem-lhe qualquer commoção, por pequena que seja, responde o doutor; falleu-lhe pouco, e não lhe digam senão coisas alegres...
Logo depois do medico sair, um dos sobrinhos aproxima-se do doente, e diz-lhe, com voz terna:
—Saiba, meu caro tio, que está em via de cura... E a proposito: já fez o seu testamento?

N'um hospital militar:
Amputam a perna direita a um soldado.
No meio da operação, o patiente solta gritos dilacerantes.
—Com mil canhões brada o cirurgião, desesperado... Se gritas d'essa forma, corto-te ambas as pernas!

A INGENUA

O morgado Coelho era um solteirão alegre e bonacheirão. Fortes carnes sadias e rosadas, respeitavel abdomen, olhos garços e vivos. Duas suissas pretas n'uma cara rubicunda. O labio superior e o queixo rapados, o que lhe dava o largo sorriso de uma alma feliz e descuidosa das coisas d'este mundo. O bigode hypocrita e pretencioso havia sido banido ostensivamente do seu rosto varonil.

Era homem para rir ás gargalhadas, sem affectação na cara de qualquer pessoa.

Morava com duas irmãs mais velhas, n'uma quinta sua, d'entro d'um casarão do tempo dos Filippes, todo brazonado n'uma cantaria d'espavento, cujos rendilhados faziam as delicias dos passaros e pombos da vizinhança.

O morgado era uma potencia de primeira ordem na villa da Lagoa, na ilha de S. Miguel, e quando caía com todo o seu peso eleitoral na urna, ia tudo abaixo, politicamente fallando.

Citavam-se d'elle rasgos d'eloquencia tribunicia, declamando ás massas do alto de uma pipa, solidamente plantada em pleno terreiro, em frente da igreja parochial. Tinha a eloquencia terrivel dos dentistas, a satyra pungente dos barbeiros, a critica profunda dos boticarios. Chegava a fazer tremer o administrador do concelho e suar o padre cura. Dava sota e az ao mestre escola. Era medonho.

Apagadas as dissensões politicas entre os partidos hostis da localidade, pelo esvaziamento dos respectivos pipos de vinho, o morgado voltava a ser o *enfant-gâté* da população.

Um dia toldou-se o ceo d'anil d'aquella existencia provincial. Correu de bocca em bocca a nova estranha d'...

à ilha uma companhia dramatica, a primeira que aportava áquellas paragens.

O theatro de S. João, na cidade de Ponta Delgada, alimentava mal o fogo sagrado da arte com a apparatusa peça do *Cabrito montez*, na qual, actrizes indigenas, estudavam os papeis d'ouvido, por não saberem ler.

Agora ia beber-se, a longos tragos, todo o ar vivificante da grande arte.

As assignaturas eram caras, e seriam considerados em decadencia os que não disputavam um fauteuil.

O morgado Coelho, na sua qualidade de vulto politico, não podia deixar de figurar entre os mais entusiastas, e veio residir para a cidade durante a epoca theatral.

Chegou por fim o dia da estreia. Toilettes ricas e scintillantes

Representava-se o celebre drama francez *A graça de Deus* peça habilmente escolhida pelo director para uma platéa sentimental e pudica que se persignava em casa, ao deitar. Peça escripta por uma mulher, e portanto, cheia d'esses mil nadas que conquistam os corações feminis, o que era importante.

A *Graça de Deus* fez furor, e a actriz Elvira, que desempenhava o papel de protagonista, assumiu proporções epicas.

Não foi dos ultimos a apaixonar-se doidamente pela gentil sereia, o morgado Coelho, que, todas as noites lhe atirava um braçado de flores em elegantes bouquets. No dia do beneficio d'ella, fez uma caçada geral a todos os canarios das suas quintas, e do alto d'um camarote, despejou na sala, de dentro de uma cesta, uma nuvem de passaros com fitinhas de cores pendentes dos pés.

Mas no camarim da ingenua é que se passavam coisas graves. Todos os seus admiradores, á porfia brindavam-na com objectos de valor. De dentro das sobrecasaacas saiam bocetas de velludo azul-turqueza com brincos e broches d'ouro e aneis de brilhantes.

Segredava-se cá fóra, na sala, aquelle enorme escandalo. Havia sujeito que tinha pedido dinheiro emprestado para offerecer o seu ade-reço.

Estabelecia-se uma romaria para o ante-camarim da actriz, onde a mãe da Elvira, uma velha mal encarada, vigiava como um dragão as joias em *etalage* calculada, em cima do panno da jardineira.

Uma coisa causava assombro—o Coelho não ter ainda apresentado o seu brinde de resistencia. Não era provavel que ficasse nos canarios. O morgado era um entusiasta dos mais ardentes. Que mysterio era este?

Quando a turma dos admiradores da gentil Elvira era mais compacta e já não havia logar em cima da mesa para poisar joias, o morgado chegou como um furacão, seguido de um sujeito d'oculos e penna na dextra. Atravessou por entre os circumstantes e pondo-se diante da actriz n'uma pose correcta, apresentou-lhe uma escriptura ante-nupcial, dizendo-lhe, com pasmo de todos:

—Dou-lhe o meu nome na sua noite de festa. A senhora, a quem adoro como um perdido e que tem resistido a todas as minhas supplicas, dar-me-ha em troca a felicidade.

A Elvira não comprehendeu e abriu admirada o singular brinde. Calcule-se porém o seu espanto, quando ás primeiras linhas viu que se tratava de uma escriptura de casamento!

Julgando-se por um momento objecto de uma grosseira mystificação, pegou valentemente com as duas mãos na escriptura e fel-a em tiras, exclamando furiosa, esquecendo-se de que era a ingenua da companhia:

—Sou uma mulher casada, senhor! Eis meu filho...

E apontou para um latagão de 20 annos, que fazia papeis de creado. Em seguida acrescentou:

—Meu marido é ponto de theatro em Lisboa. Saia d'aqui.

Um raio, que tivesse caído aos pés do morgado e de todos os admiradores da ingenua, não os teria deixado mais petrificados do que tão fulminante declaração.

Para confundir ainda mais os circumstantes, os companheiros da Elvira, invejosos como verdadeiros collegas, segredavam a todos aquelles rapazes tão cruelmente desilludidos, que o director a tinha apresentado, como solteira, por um *truc* d'empresario, que ella tinha 40 annos, o cabello postiço, dois dentes postiços e que *tudo o mais* era postiço. Um horror d'algodão em rama e cautechú!

E para irritar o amor proprio dos provincianos, asseveravam que, em Lisboa, nenhum empresario a quizera escripturar.

Poucos minutos depois, quando a Elvira appareceu no acto final da loucura, rebentou uma pateada medonha, com assobios e cadeiras despedaçadas no meio da gritaria medonha dos dois partidos que logo se estabeleceram. As senhoras abandonavam precipitadamente os camarotes, e os chefes de familia austeros, viam com indignação cairem-lhes as gebadas em cima dos seus chapeos altos e lusidios. Um inferno!

JOSÉ MARIA DA COSTA.

Administração—Travessa da Queimada, 35, 1.ª, Lisboa

Reservados todos os direitos de propriedade litteraria e artistica



O CHALET DO SR. MANCELLOS FERRAZ, NA PRAIA DA GRANJA

pedrarias nos camarotes. Rostos picantes de provincianas avidas de novidade e de desconhecido. Pessoas que nunca tinham ido ao theatro, encolhiam-se nas cadeiras, sentindo escorrer-lhes em cima toda a luz do lustre de crystal, no estylo *couve-flor*, que illuminava chibantemente a petroleo a immensa sala do espectáculo.

Sujeitos graves, de lenço de rapé e critica engatilhada, esperavam rispídos, nas suas cadeiras, o erguer do panno.

Subito, o regente da orchestra ergueu a sua batuta d'ebano e arqueou os braços como se quizera abarcar o infinito. Este *entrain* captivou logo a attenção do *respeitavel publico*, e durante 20 minutos, assistiram os espectadores, impavidos, ao estropear de uma *symphonia d'ouverture*, de uma opera qualquer italiana.

Por fim, o ranger do panno, enrolando-se, indicou aos desprevenidos que estava a scena aberta, e os olhos esbugalhados dos espectadores mergulharam no fundo do palco.